

DIÁLOGO LINGUÍSTICO

Ocidente e Oriente

ORGANIZADORAS

- Alice Joko • Rita de Cássia Soares
- Vera Augusto • Yuko Takano

lters Student Center
Académie des Lettres
Cion Estudiantil de Letras
Acadêmico de Letras
文学 學術
センター



Pesquisa,
Inovação
& Ousadia

EDITORA



UnB



Universidade de Brasília

Reitora
Vice-Reitor

Márcia Abrahão Moura
Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora

Germana Henriques Pereira

Conselho editorial

Germana Henriques Pereira (Presidente)
Fernando César Lima Leite
Ana Flávia Magalhães Pinto
César Lignelli
Flávia Millena Biroli Tokarski
Liliane de Almeida Maia
Maria Lidia Bueno Fernandes
Mônica Celeida Rabelo Nogueira
Roberto Brandão Cavalcante
Sely Maria de Souza Costa
Wilsa Maria Ramos



DIÁLOGO LINGUÍSTICO

Ocidente e Oriente

ORGANIZADORAS

Alice Tamie Joko

Rita de Cássia da Silva Soares

Vera Lúcia Dias dos Santos Augusto

Yuko Takano



Pesquisa,
Inovação
& Ousadia

Coordenadora de produção editorial

Revisão

Diagramação

Foto de capa

Equipe editorial

Marília Carolina de Moraes Florindo

Alice Tamie Joko, Rita de Cássia Soares,
Vera Lúcia Augusto e Yuko Takano

Laissa Reis

René Strehler

© 2021 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:

Editora Universidade de Brasília

SCS, quadra 2, bloco C, nº 78, edifício OK,
2º andar, CEP 70302-907, Brasília, DF

Telefone: (61) 3035-4200

Site: www.editora.unb.br

E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte
desta publicação poderá ser armazenada ou
reproduzida por qualquer meio sem a autorização
por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília
Heloiza Faustino dos Santos - CRB 1/1913

D536

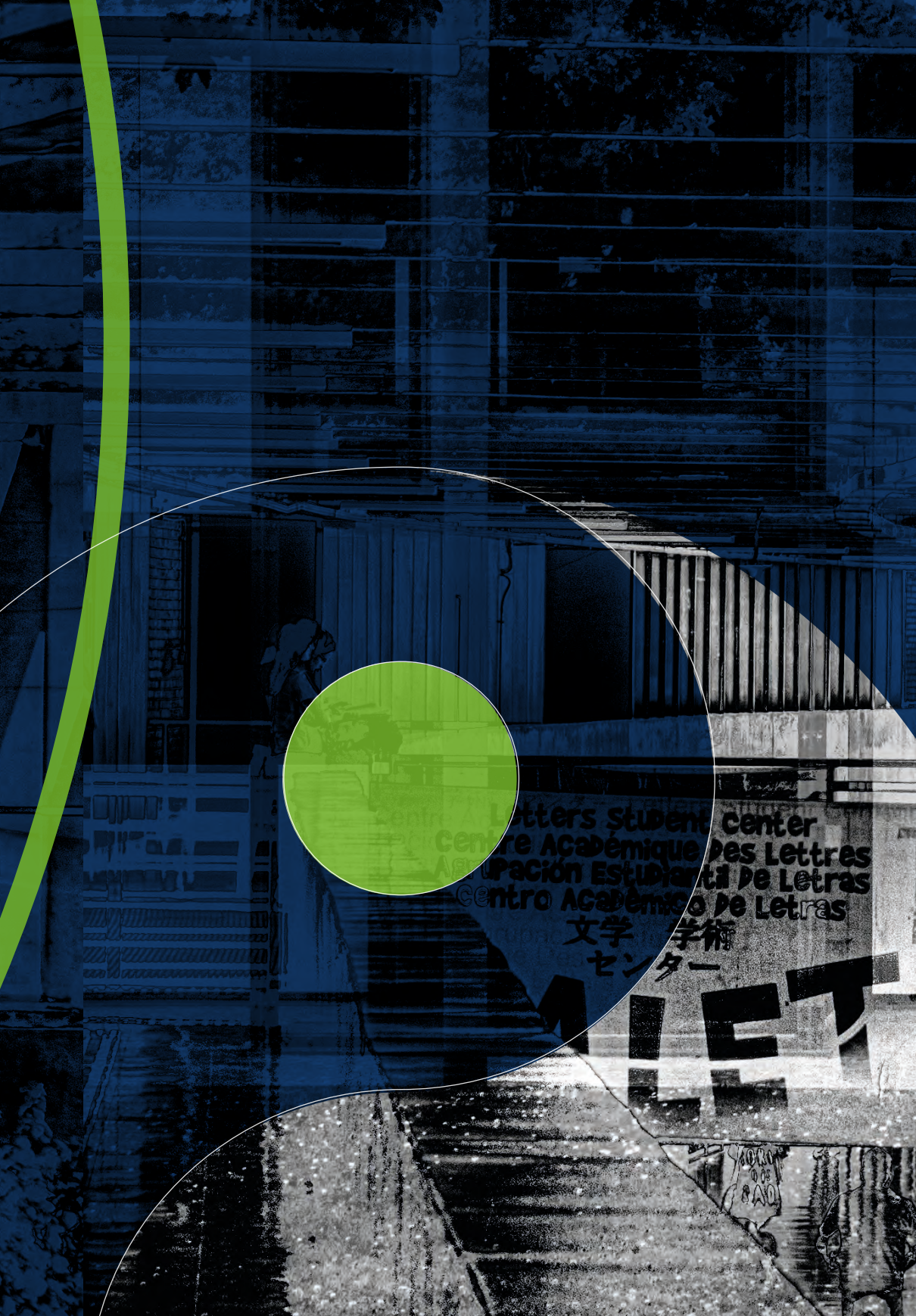
Diálogo linguístico : Ocidente e Oriente / organizadoras, Alice
Tamie Joko ... [et al.]. – Brasília : Editora Universidade de
Brasília, 2021.

368 p. ; 23 cm. – (Pesquisa, inovação & ousadia).

ISBN 978-65-5846-143-2

1. Sociogeolinguística. 2. Língua japonesa - Estudo e ensino.
3. Língua portuguesa - Estudo e ensino. I. Joko, Alice Tamie
(org.). II. Série.

CDU 81'28



Lettres Student Center
Centre Académique des Lettres
Asociación Estudiantil de Letras
Centro Académico de Letras
文学 学術
センター

1151

SOCIÉTÉ
D'ÉTUDES
DE LA
SAQ

SUMÁRIO

Apresentação _____ 11

PARTE I - OCIDENTE

**Mapeamento geossociolinguístico da vogal média posterior
pretônica /o/ no Estado de Rondônia** _____ 25

Abdelhak Razky (UnB)
Diego Coimbra (UFPA)

**Contribuições da sociogeolinguística para o ensino de língua
portuguesa: propostas de intervenção para a educação básica** _53

Adriana Cristina Cristianini (UFU)



Crenças e atitudes: vencendo o preconceito e construindo empatia linguística_____73

Clézio Roberto GONÇALVES (UFOP/CNPq)
Josane Moreira de OLIVEIRA (UEFS/UFBA)

Amuleto, figa, patuá...: um estudo de sociogeolinguística_____95

Irenilde Pereira dos Santos (USP)

Tagarela, falador e papagaio: linguagem e interação nas variações do português_____115

Rita de Cássia da Silva Soares (USP e FAG)

Escolhas lexicais e ensino de línguas: anseios e possibilidades____139

Selma Sueli Santos Guimarães (UFU)

Um estudo geolinguístico no Estado de Goiás_____161

Vera Lúcia Dias dos Santos Augusto (UNICALDAS e IFMT)

PARTE II - ORIENTE

O uso de línguas pela primeira geração de imigrantes okinawanos na Casa Verde em São Paulo e as suas questões linguísticas_____179

Eduardo Nakama (UnB)
Yûki Mukai (UnB)

Uma nova abordagem de ensino do curso de japonês no Centro Interescolar de Línguas (CIL) de Sobradinho – CILSOB – percepções de um professor sobre o processo_____219

Geanne Alves de Abreu Morato (SEEDF)

Hélder Gomes Rodrigues (SEEDF)

(Im)polidez, saudações e formas de tratamento: dificuldades de aprendizagens de português LE_____261

Kazue Saito M. Barros (UFPE/CNPq)

Alice Tamie Joko (UnB)

Ricardo Rios Barreto Filho (UFPE)

TCC do Curso de Licenciatura em Japonês: um olhar no passado e reflexões_____283

Kyoko Sekino (UnB)

O nordeste asiático como área de convergência linguística: a língua japonesa em seu contexto regional_____315

Marcus Tanaka de Lira (LET/UnB)

Diálogos possíveis: áreas que se convergem para os estudos do falar nipo-brasiliense_____337

Yuko Takano (UnB)

Posfácio_____361

Os Autores_____363



PARTE II - ORIENTE





O USO DE LÍNGUAS PELA PRIMEIRA GERAÇÃO DE IMIGRANTES OKINAWANOS NA CASA VERDE EM SÃO PAULO E AS SUAS QUESTÕES LINGUÍSTICAS¹

Eduardo Nakama (UnB)

Yûki Mukai (UnB)

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo investigar a situação sociolinguística de uso de línguas pelos okinawanos de primeira geração que imigraram para o Brasil e que vivem atualmente no distrito da Casa Verde na capital do estado de São Paulo e, mais especificamente, pesquisar as línguas usadas por eles, bem como as dificuldades que encontram para se comunicar em português, a língua falada no país onde imigraram.

A imigração de okinawanos iniciou em 1900 para o Havaí, nos Estados Unidos. Em seguida, os okinawanos imigraram para diversos

¹ Este texto é a versão ampliada e reproduzida parcialmente do artigo publicado na revista “Estudos Japoneses (USP)”, no. 44 (2020), com a permissão de seus editores.

locais no mundo, como: México e Filipinas (1904), Nova Caledônia (1905), Peru (1906), Canadá (1907) e Brasil (1908) (PIRES, 2016, p. 76).

Em 1908, inicia-se a imigração de japoneses para o Brasil. O primeiro navio, o *Kasato Maru*, transportou 781 imigrantes, saindo do porto de Kōbe em 28 de abril de 1908 e chegou no porto de Santos em 18 de junho do mesmo ano. Desses imigrantes, cerca de 325, ou seja, mais de 40% vieram de Okinawa (MORIMOTO, 2012). De 1908 até 2000, aproximadamente 25.000 pessoas imigraram de Okinawa para o Brasil (AOYAMA, 2000).

Atualmente, o Brasil tem uma população de cerca de 1,5 milhão de descendentes de japoneses (*nikkei*), dos quais aproximadamente 150 mil, isto é, 10%, têm raízes em Okinawa (MORIMOTO, 2012). Em Okinawa, hoje o ensino e uso da língua japonesa fizeram com que as línguas originárias do reino de Ryūkyū² (*uchināguchi*³, entre outras) fossem usadas apenas em conversas entre alguns idosos e em apresentações teatrais e musicais típicas da região. Por outro lado, no Brasil, alguns okinawanos não mantêm contato com japoneses de outras províncias e, por esse motivo, diferentemente de Okinawa, conseguiram preservar sua língua e cultura sem receber forte influência da língua e da cultura japonesas. A associação das pessoas originárias de Okinawa⁴ é formada por 44 filiais no Brasil. Cabe destacar que é a única associação de província do Japão a possuir filiais. Possui cerca de 3.000 famílias associadas no Brasil e é a maior associação de província no país (MORIMOTO, 2012).

Segundo Moseley (2010), as línguas originárias do reino de Ryūkyū estão em risco de extinção e, hoje em dia, quase não há crianças aprendendo-as como primeira língua (língua materna). Portanto, os imigrantes de Okinawa no Brasil, como continuaram a usar sua língua materna no dia a dia (MORI, 2018), representam uma comunidade muito

² O antigo reino de Ryūkyū localiza-se atualmente ao sul da península coreana, a leste da China, ao norte das Filipinas, na porção extrema sudoeste do Japão. O arquipélago de Ryūkyū é uma cadeia de ilhas japonesas que se estendem a sudoeste de Kyūsyū e a maior é a ilha de Okinawa.

³ Língua de Okinawa.

⁴ Associação Okinawa Kenjin do Brasil.

importante para o estudo dessas línguas em risco de extinção. É natural que essa população de imigrantes esteja ficando idosa e seu número esteja diminuindo, uma vez que não há mais imigração de Okinawa para o Brasil. Com base nesses fatos faz-se premente o conhecimento da situação linguística desses imigrantes.

Diante do exposto, foram propostas as seguintes perguntas para atingir os objetivos supracitados: Quais as línguas que os imigrantes de primeira geração de Okinawa usam no dia a dia no Brasil? Quais os problemas linguísticos que eles enfrentam?

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Na seção 2.1, será apresentado um breve histórico de como ocorreu o fluxo migratório de Okinawa para o Brasil. A seguir, na seção 2.2 serão abordadas algumas características da língua *uchināguchi*. Por fim, na seção 2.3 serão discutidos os conceitos de bilinguismo individual e domínios sociais.

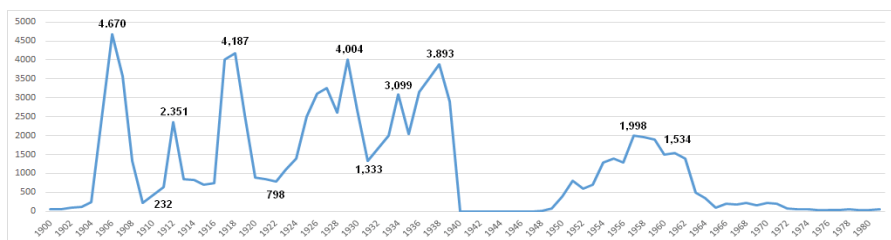
2.1. IMIGRAÇÃO DE OKINAWA PARA O BRASIL

Primeiramente, vê-se a evolução quantitativa de emigrantes okinawanos do ano de 1900 até o ano de 1981 (vide figura 1). Antes da Segunda Guerra Mundial houve diversos picos com mais de 4.000 pessoas, enquanto em outros anos não chegaram a 1.000. Isso se deu devido às mudanças legislativas nos países de destino⁵ e à Primeira e à Segunda Guerra

⁵ Aqui citamos três exemplos: (1) Em 1908, a imigração para Havaí foi restringida devido ao movimento anti-japonês; (2) Em 1924, o governo brasileiro decidiu abolir o subsídio de despesas de viagem para imigrantes japoneses. No mesmo ano, o governo japonês, que incentivava a emigração devido ao Grande Terremoto de Kantô de 1923, passou a arcar com todas as despesas de viagem ao invés do governo brasileiro; (3) Com o número crescente repentino de imigrantes japoneses para o Brasil devido à Grande Depressão em 1929, o Congresso Nacional do Brasil aprovou a legislação brasileira referente à restrição de imigrantes japoneses em 1934. Quanto aos detalhes, vide Ishikawa (2005).

Mundial. Os principais destinos dos okinawanos foram: Havaí, Sudeste Asiático e América do Sul. No entanto, após a Segunda Guerra Mundial, a imigração okinawana concentrou-se nos países da América do Sul (sobretudo, o Brasil, a Argentina e a Bolívia) por questões da geopolítica mundial⁶ (ISHIKAWA, 2005, p. 17).

Figura 1: Quantidade de okinawanos que emigraram antes e depois da Segunda Guerra Mundial



Fonte: Okinawa Dai Hyakka Jiten (OKINAWA DAI HYAKKA JITEN KANKŌ JIMUKYOKUHEN, 1983).

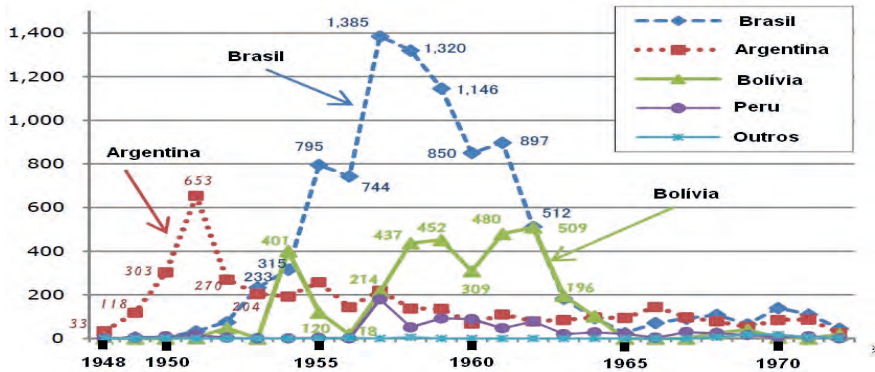
A partir de agora, focar-se-á a imigração okinawana na América do Sul após 1948⁷ (vide figura 2 a seguir).

Para a Argentina houve um pico de 653 pessoas no ano de 1951, diminuindo progressivamente desde então. A imigração para a Bolívia iniciou em 1948, com maior concentração entre os anos de 1958 e 1962. O Brasil, por sua vez, teve um pico em 1957, ultrapassando 1.000 pessoas, diminuindo significativamente a partir de 1963. De 1908 até 2000, aproximadamente 25.000 pessoas emigraram de Okinawa para o Brasil (AOYAMA, 2000).

⁶ Por exemplo, o governo de Ryūkyū estabeleceu o plano de imigração para a Bolívia com auxílio financeiro dos EUA.

⁷ Conforme mostra a figura 1 deste artigo, houve a imigração okinawana mesmo antes desse ano. Quanto aos detalhes, vide Ishikawa (2005).

Figura 2: Quantidade de imigrantes okinawanos por país da América Latina (de 1948 a 1972)



Fonte: Okinawa-ken Kōryū Suishin-ka, s.d.⁸

Percebe-se que, tanto na figura 1 quanto na figura 2, após a década de 1960, houve uma queda significativa quanto à quantidade de imigrantes okinawanos para todos os países porque houve um esforço para a reconstrução de Okinawa. Além disso, neste período, entre os anos de 1954 e 1973, conhecido como milagre econômico japonês, houve uma necessidade interna de muitos trabalhadores e, por isso, não houve necessidade de promoção de emigração para o exterior (ISHIKAWA, 2005, p. 18).

2.2. LÍNGUA “UCHINĀGUCHI”

Uchināguchi é o nome local para se referir à língua falada na ilha de Okinawa, ilha principal do arquipélago homônimo. Uchinā é o nome local para Okinawa.

⁸ Disponível em: <https://www.pref.okinawa.jp/toukeika/so/topics/topics457.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2018.

A língua de Okinawa é, na verdade, uma das línguas ryukyuanas que são línguas japônicas, provavelmente derivadas do proto-japonês⁹. Heinrich, Miyara e Shimoji (2015) reconhecem cinco línguas distintas no arquipélago de Ryūkyū: a língua de Amami, a língua de Okinawa, a língua de Miyako, a língua de Yaeyama e a língua de Yonaguni. Segundo os mesmos autores (2015),

As ilhas de Ryūkyū são extremamente ricas em diversidade linguística. Dialeto regionais ryukyuanos uma vez diferiam de ilha para ilha, de vila para vila, de bairro para bairro, mas muitas dessas variedades desapareceram. Elas tornaram-se extintas como um efeito de nivelamento de dialeto que foi desencadeado por mudanças sociais e comunicativas nas comunidades ryukyuanas. Não há nenhuma variedade padrão de qualquer das línguas ryukyuanas. Nunca existiu uma variedade padrão, apesar do fato de o okinawano de Shuri ter sido uma vez a língua da corte de Ryūkyū e, portanto, continuou a desfrutar de maior prestígio do que qualquer outra variedade ryukyuna até os dias de hoje. (HEINRICH; MIYARA; SHIMOJI, 2015, p.1-2)¹⁰ (tradução nossa).

Apesar de os autores enfatizarem o desaparecimento de dialetos, é possível observar sua influência social, por exemplo, no fato de existirem

⁹ Para uma discussão mais detalhada, indicamos a leitura de: PELLARD, T. The linguistic archeology of the Ryukyu Islands, p. 13-37, In: HEINRICH, P.; MIYARA, S.; SHIMOJI, M. *Handbook of the Ryukyuan Languages*. Berlin: Walter de Gruyter, 2015.

¹⁰ Do original: *For individual speakers of Ryukyuan languages, this discussion is less important than one might expect at first sight, because Ryukyuan identity is centered on the immediate local community and on the local dialect spoken there. The Ryukyu Islands are extremely rich in linguistic diversity. Ryukyuan regional dialects once differed from island to island, from village to village, and from block to block, but many of these varieties have already vanished. They have become extinguished as an effect of dialect leveling which has been triggered by social and communicative changes in Ryukyuan communities. There exist no variety of any of the Ryukyuan languages. There never existed a standard variety either, despite the fact that Shuri Okinawan was once the language of the Ryukyuan Court and thus has continued to enjoy more prestige than any other variety of Ryukyuan to this day.* Todas as traduções foram feitas pelos autores deste trabalho.

muitas associações de imigrantes da província de Okinawa no Brasil, fato atípico em outras associações de imigrantes japoneses de outras províncias. Um dos motivos da existência de várias associações é porque os okinawanos tendem a se juntar em comunidades que falam um mesmo dialeto. Outro exemplo observado durante a pesquisa é que mesmo entre okinawanos, eles não falam a língua de Okinawa com outros okinawanos para evitar inconvenientes como o de não compreender o que seu interlocutor fala por não conhecer perfeitamente o dialeto falado pelo outro.

2.3. BILINGUISMO INDIVIDUAL E DOMÍNIOS SOCIAIS

Existem, em relação ao conceito de bilinguismo individual, duas posições distintas na literatura. A primeira, de Bloomfield (1993), entende o bilinguismo como o “controle de duas línguas como nativo (p. 56)¹¹ (tradução nossa). Já para Haugen (1953), bilinguismo é quando “o falante de uma língua pode produzir enunciados significantes completos em outra língua” (p. 7)¹² (tradução nossa).

A primeira visão, embora seja de entendimento popular entre leigos, é comumente criticada porque, além de não existir um bilíngue ideal, é complexo medir e comprovar que a habilidade de um sujeito em uma língua é idêntica à em outra (MAHER, 2007). Ainda, conforme Grosjean (1982, p. 235) afirma, “Um bilingue desenvolve as quatro habilidades básicas em cada língua (fala, compreensão oral, leitura e escrita) a níveis requeridos pelo ambiente e é raro que um nível idêntico seja necessário para cada habilidade.”¹³ (tradução nossa).

Já a segunda visão é mais real e próxima do conceito apresentado por Grosjean (1982), que vê o bilingue como um sujeito que consegue

¹¹ Do original: *[the] native-like control of two languages.*

¹² Do original: *the speaker of one language can produce complete meaningful utterances in the other language.*

¹³ Do original: *A bilingual develops the four basic skills in each language (speaking, listening, reading, and writing) to the levels required by the environment, and it is rare that an identical level is needed for each skill.*

cumprir um objetivo comunicativo diferente em uma língua ou em outras línguas, de acordo com diversos contextos cotidianos.

A maioria dos bilingues usa suas línguas para propósitos diferentes e em situações diferentes e, portanto, como bilingues “balanceados”, aqueles que são igualmente fluentes em ambas línguas, são provavelmente a exceção e não a norma (1982, p. 235)¹⁴. (tradução nossa).

Percebe-se que os bilíngues utilizam uma língua em uma dada situação e outra(s) língua(s) em outra situação, de acordo com diferentes objetivos e contextos, usufruindo de todos os recursos linguísticos que eles possuem, os quais são considerados um repertório linguístico integrado, que transcende as “fronteiras” das línguas, isto é, translinguagem (*translanguaging*) (GARCÍA, 2009). Ou seja, o uso das línguas é uma prática socialmente determinada (NORTON, 2000) e o sujeito e o ambiente onde ele se encontra interagem e influem de maneira dinâmica. Quanto a essa questão, Maher (2007, p. 73) esclarece como segue:

O bilíngue – não o idealizado, mas o de verdade – não exhibe comportamentos idênticos na língua X e na língua Y. A depender do tópico, da modalidade, do gênero discursivo em questão, a depender das necessidades impostas por sua história pessoal e pelas exigências de sua comunidade de fala, ele é capaz de se desempenhar melhor em uma língua do que na outra – e até mesmo de se desempenhar em apenas uma delas em certas práticas comunicativas.

É interessante notar que a habilidade de falar mais de uma língua depende não apenas da vontade do próprio sujeito (como ocorre no contexto educacional de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras), mas, como Maher (2007) frisa, depende do contexto real onde o sujeito vive, mais

¹⁴ Do original: *Most bilinguals use their languages for different purposes and in different situations, and hence “balanced” bilinguals, those who are equally fluent in both languages, are probably the exception and not the norm.*

especificamente, da situação imposta a ele e as suas necessidades em termos de comunicação cotidiana. No caso das situações de migração social e econômica, pode-se dizer que o bilinguismo surge como uma necessidade para os indivíduos sobreviverem e se adaptarem ao país anfitrião. Diante do exposto, conforme afirma Sakamoto (2000), o bilinguismo deve ser interpretado como um fenômeno peculiar e complexo que possa incluir elementos negativos, ao contrário da imagem positiva convencional.

Com relação à aquisição e uso de línguas, Grosjean (2008) sustenta que: “Bilíngues geralmente adquirem e usam suas línguas para propósitos diferentes em domínios da vida diferentes, com pessoas diferentes. Aspectos diferentes da vida frequentemente exigem línguas diferentes” (GROSJEAN, 2008, p. 23)¹⁵ (tradução nossa).

Os bilíngues adquirem e usam suas línguas em aspectos diferentes de sua vida de acordo com cada comunidade onde eles vivem, cada pessoa e cada objetivo comunicativo, ou seja, conforme domínios sociais diferentes¹⁶.

No que se refere ao conceito de domínio social, Silva (2017, p. 112) discute como segue:

Um domínio social envolve uma gama de situações sociais delineadas por um conjunto de regras que influenciam o comportamento linguístico, o que abrange questões como o lugar, a situação e os tópicos das interações. [...] em cada domínio social há uma série de pressões de natureza econômica, cultural, social e política que influenciam o uso linguístico do indivíduo, o qual tende a usar mais uma língua que outras em determinadas situações.

¹⁵ Do original: *Bilinguals usually acquire and use their languages for different purposes, in different domains of life, with different people. Different aspects of life often require different languages.*

¹⁶ Por exemplo, pode-se referir à família, escola, igreja, trabalho, rua e amigos (FISHMAN, 1972).

Nota-se que o uso linguístico do indivíduo depende de diversos fatores de natureza econômica, cultural, social e política que determinam o domínio social.

Diante do exposto, “o bilinguismo não é uma ocorrência estática como o ponto de chegada (sabendo controlar duas línguas perfeitamente), mas sim uma ocorrência dinâmica” (AZUMA, 2000, p. 14), que se adequa às mais variadas condições, tais como nível de formalidade, conhecimento linguístico do interlocutor, intimidade entre os interlocutores e o contexto em que se insere o tópico, além da “idade, situação da aquisição de língua (escola/família), funções da língua, habilidade de uso da língua, atitude com relação à língua etc.” (AZUMA, 2000, p. 14-15).

3. METODOLOGIA

3.1. ABORDAGEM E NATUREZA DA PESQUISA

O presente trabalho consiste em uma pesquisa qualitativa (LÜDKE; ANDRÉ, 1986; SILVA, 2017) do tipo etnográfico (BLOMMAERT, 2006; GREEN; BLOOME, 1997 *apud* SILVA, 2017) na modalidade de história de vida (NETO, 2002; SAKURAI, 2012).

Silva (2017, p. 23) afirma que a pesquisa qualitativa pressupõe “a geração de dados descritivos e o contato direto do pesquisador com os participantes em seu contexto natural [...]. É também de natureza processual porque coloca ênfase não só no fato em si, mas também naquilo que vem antes e depois dele, de modo a fornecer uma visão holística de toda a situação”.

O contato direto do pesquisador com os participantes em seu contexto natural é de suma importância sob a abordagem qualitativa, pois, como Lüdke e André (1986, p. 12) afirmam, “as pessoas, os gestos, as palavras estudadas devem ser sempre referenciadas ao contexto onde aparecem”. Ainda, Silva (2017, p. 24-25) defende que “tanto da sociolinguística como da etnografia, a língua não pode existir sem estar

ligada a um contexto específico. [...] a linguagem no contexto é uma espécie de arquitetura do comportamento social e, assim, parte da estrutura social das relações sociais”.

Blommaert (2006) (*apud* SILVA, 2017, p. 23) sustenta que estudar a língua significa estudar a sociedade e, para esse fim, o processo dos usos das línguas, e não seu produto linguístico, precisa ser compreendido por meio da etnografia. É porque, conforme afirmam Green e Bloome (1997) (*apud* SILVA, 2017, p. 23), a etnografia está relacionada ao estudo das práticas sociais e culturais dentro de um grupo social ou cultural.

No que se refere à história de vida, Neto (2002, p. 58) afirma que a sua principal função é “retratar as experiências vivenciadas, bem como as definições fornecidas por pessoas, grupos ou organizações”. Ou seja, a história de vida propicia uma riqueza de informações autobiográficas de cada participante que possui experiências vividas naquela comunidade.

Neto (2002, p.58), ainda, sustenta que a história de vida pode ser escrita ou verbalizada e abrange as seguintes classificações:

- a) História de vida completa: retrata todo o conjunto da experiência vivida;
- b) História de vida tópica: focaliza uma etapa ou um determinado setor da experiência em questão.

Para a presente pesquisa, utilizamos a história de vida tópica para coletar dados¹⁷ com enfoque na experiência vivida de cada participante, uma vez que o foco da análise recai sobre a situação atual do uso das línguas e as dificuldades ao usar o português.

Diante do exposto, percebe-se que a abordagem qualitativa do tipo etnográfico na modalidade de história de vida é adequada para a presente pesquisa, uma vez que, conforme visto na seção introdutória, este trabalho tem como objetivo compreender a situação atual do uso das línguas pelos imigrantes de primeira geração de Okinawa que atualmente vivem no distrito

¹⁷ Os dados completos sobre a história de vida de cada participante encontram-se em Nakama (2019).

da Casa Verde na cidade de São Paulo, além de descrever as situações em que eles enfrentam dificuldades ao usarem a língua portuguesa, isto é, a língua usada majoritariamente no país para onde imigraram.

3.2. CONTEXTO DA PESQUISA

A presente pesquisa foi realizada na Casa Verde, um dos distritos de grande concentração de imigrantes oriundos de Okinawa. Conforme relatado no jornal on-line Utiná Press (s.d.):

No mercado Cantareira e nas imediações, residiam muitas famílias okinawanas, motivo de a vida comunitária gravitar em torno desse espaço comercial, inclusive para a vida social, como festas, namoros e casamentos. Outras famílias dedicavam-se a chácaras, cujos produtos hortifrutigranjeiros eram enviados ao mencionado mercado ou às feiras e quitandas. Essas chácaras concentravam-se mais na zona Leste, na Vila Prudente, na Vila Califórnia, Vila Clara, Diva, Juta e ao longo do rio Tietê, da rodovia Fernão Dias e avenida Anhaia de Mello. E também no bairro Casa Verde, zona Norte.

Como o foco deste trabalho é o distrito da Casa Verde, será discutido a seguir os motivos que levaram okinawanos a residirem na região: preços baixos dos imóveis e aluguéis e proximidade do distrito do Brás, centro de comércio da indústria costureira de São Paulo.

Os okinawanos usaram a estratégia de procurarem locais que fossem vantajosos do ponto de vista financeiro. O distrito da Casa Verde possui muitos acidentes geográficos, com muitas subidas e descidas, o que tornava o metro quadrado da região barato em comparação com outros locais da cidade na época. Além disso, fica próximo ao aeroporto Campo de Marte. Devido ao barulho dos aviões e à proibição de construção de prédios altos, tinha-se mais um fator para a queda do preço dos imóveis da região.

3.3. PARTICIPANTES

Quando se faz pesquisa de imigrantes japoneses, o método normalmente empregado é de entrar em contato com uma associação de imigrantes e, a partir de indicação dessa associação, procurar os entrevistados. No entanto, vale destacar que a maioria dos participantes desta pesquisa não é associada a nenhuma associação de imigrantes japoneses, o que torna único o espaço amostral da pesquisa.

Isso porque, a partir dos contatos iniciais com uma participante desta pesquisa, passou-se a empregar a técnica “bola de neve”, que consiste em buscar novos contatos a partir da indicação de contatos anteriores (MARGOLIS, 1994 *apud* SILVA, 2017, p. 33). O processo de criação de uma amostra por bola de neve fundamenta-se em usar a rede social dos indivíduos iniciais para ter acesso ao coletivo. Assim, o *corpus* desta pesquisa foi constituído a partir da indicação de uma participante, que indica outro e assim, sucessivamente.

Essa técnica é definida por Margolis (1994, p. 20) como “uma técnica de amostragem não aleatória, por ser uma forma reconhecida de contatar populações ‘escondidas’” (MARGOLIS, 1994 *apud* SILVA, 2017, p. 33). Nesse sentido, ela mostrou-se ideal para a presente pesquisa uma vez que se conseguiu entrevistar imigrantes que em sua maioria não são filiados a nenhuma associação de imigrantes.

Nesta pesquisa, houve 10 participantes. Todos eles são imigrantes de Okinawa e atualmente residem no distrito da Casa Verde. A seguir, segue o perfil de cada participante:

Quadro 1: Perfil dos participantes da pesquisa

| CÓDIGO DO PARTICIPANTE | GÊNERO ¹⁸ | IDADE ¹⁹ (ANOS) | PROCE- DÊNCIA | ESCOLA- RIDADE / EDUCAÇÃO (ANOS) | OCUPAÇÃO ANTERIOR / ATUAL | TEMPO DE IMI- GRAÇÃO (ANOS) |
|------------------------|----------------------|----------------------------|------------------|---|---|--------------------------------------|
| A | m | 80 | Ginowan | 9 (Japão) | agricultor, costureiro, comerciante / aposen- tado | 61 |
| B | f | 80 | Urasoe | 5 (Japão) | agricultora, costureira, comercian- te / dona de casa | 57 |
| C | m | 75 | Urasoe | 9 (Japão) | agricultor, costureiro / aposentado | 57 |
| D | f | 84 | Kumeji- ma | 9 (Japão) | guia turísti- ca / dona de casa | 57 |
| E | f | 83 | Nanjō | 9 (Japão) | agricultora / dona de casa | 63 |
| F | f | 61 | Urasoe | 11 (Brasil) | agricultora / comerciante | 57 |
| G | m | 66 | Yonabaru | 1 (Japão) 5 (Brasil) | comerciante | 56 |
| H | m | 69 | Urasoe | 6 (Japão) | agricultor / comerciante | 57 |
| I | f | 72 | Ōzato | 3 (Japão) 4 (Brasil) | costureira / aposentada | 63 |
| J | f | 91 | Nago | 3 (Brasil) | agricultora / aposentada | 87 |

Fonte: autoria própria

¹⁸ “m” representa masculino; “f” representa feminino.

¹⁹ No momento de março de 2019.

Conforme afirma Sakurai (2012, p. 118), a narrativa é influenciada pela maneira como o entrevistador percebe a fala do entrevistado. Ainda, a narrativa depende de vários fatores, tais como: o modo de falar do entrevistado e outros hábitos culturais; relacionamento com o entrevistador; e contexto social (SAKURAI, 2012, p. 22). Ou seja, o entrevistador ocupa papel importante para a investigação nesta pesquisa. Um dos autores do presente trabalho é filho de imigrantes oriundos de Okinawa e entende suficiente o *uchināguchi* para fazer as entrevistas.

3.4. INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTO PARA A COLETA DE DADOS

Para a coleta de dados, foram realizadas entrevistas com anotações e gravações seguindo um roteiro preparado antecipadamente (cf. NAKAMA, 2019), com o intuito de compreender a situação atual do uso das línguas pelos imigrantes de primeira geração de Okinawa, além de relevar as situações em que eles enfrentam dificuldades ao usarem a língua portuguesa.

Segundo Lüdke e André (1986, p. 34), esse tipo de entrevista é classificado como entrevista semiestruturada, desenrolando-se a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações. Ainda, Sakurai (2012, p. 111) afirma que, no processo de entrevista, o entrevistador assume o papel de um guia enquanto o narrador conta sua história.

A grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que “ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 33).

Além disso, conforme Neto (2002), a aplicação de entrevista é adequada para obter as narrativas acerca das experiências dos próprios entrevistados. Neto (2002, p. 59) afirma que o destaque nessa metodologia de pesquisa é a entrevista em profundidade, permitindo ao participante

retomar sua vivência de forma retrospectiva e fornece um olhar cuidadoso sobre a própria vivência ou sobre determinado fato.

Para a presente pesquisa, o roteiro de perguntas (NAKAMA, 2019) compõe-se de duas partes: (i) o perfil dos participantes e (ii) a situação do uso das línguas pelos participantes. A primeira parte é composta de 25 perguntas, as quais foram elaboradas com o intuito de obter o perfil dos participantes, tais como o ano, a idade que imigraram e o tempo de permanência no Brasil. Já a segunda parte, na qual é formada por 9 perguntas abertas e em escala, é voltada para investigar a situação atual do uso das línguas pelos participantes e as dificuldades que enfrentam ao falarem em português.

As entrevistas foram realizadas na residência de cada participante ou de um parente do mesmo no período de 6 de março a 9 de maio de 2019. Para sanar algumas dúvidas decorrentes das respostas e narrativas obtidas na primeira sessão de entrevista, alguns participantes foram entrevistados mais de uma vez. As entrevistas foram gravadas em áudio com permissão antecipada dos participantes por meio do termo de consentimento livre e esclarecido (NAKAMA, 2019).

Quanto ao uso das línguas no momento da entrevista, os participantes podiam escolher livremente por responder em japonês, *uchināguchi*, português ou qualquer mistura entre as línguas conhecidas pelo entrevistado.

Nas entrevistas, o pesquisador leu cada pergunta em japonês ou, caso necessário, traduziu-a para português. O entrevistado ficou livre para narrar e responder às perguntas da forma que melhor lhe conviesse. De fato, havia entre os participantes grande variação linguística (japonês, *uchināguchi*, português e mistura entre línguas), por vezes, necessitando de explanações sobre as questões das entrevistas.

Conforme dito anteriormente, enquanto o entrevistado narrava, as narrativas foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas. Anotações foram tomadas antes, durante e após as entrevistas, inclusive com conhecidos dos participantes. Os registros foram ouvidos posteriormente

para conferir os dados anotados e as respostas obtidas a partir das perguntas do tipo aberto foram transcritas para a análise dos dados²⁰.

3.5. PROCEDIMENTO PARA A ANÁLISE DOS DADOS

O procedimento para a análise dos dados foi realizado como segue:

- a) coleta de dados por meios de entrevistas gravadas em áudio com anotações, e escritas em formulário;
- b) transcrição dos dados oriundos das entrevistas;
- c) mapeamento e análise do perfil dos participantes;
- d) sistematização acerca da situação do uso das línguas pelos participantes;
- e) identificação e descrição acerca do uso das línguas pelos participantes baseadas nos dados transcritos;
- f) identificação e descrição das dificuldades no que se refere ao uso da língua portuguesa, baseadas nos dados transcritos; e
- g) análise e interpretação sobre as relações entre o perfil, a situação do uso das línguas e as dificuldades anteriormente mencionadas.

3.6. CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

Flick (2007, p. 69) afirma que é preciso obedecer a alguns princípios éticos fundamentais para condução de pesquisas nas ciências humanas e sociais. Durante o desenvolvimento e conclusão da pesquisa, é de suma importância resguardar a privacidade dos participantes e garantir a confidencialidade das identidades deles.

²⁰ Quanto aos dados transcritos completos das entrevistas de cada participante, vide Nakama (2019).

No presente trabalho, antes de realizar as entrevistas, foi aplicado aos participantes o termo de consentimento livre e esclarecido (NAKAMA, 2019), informando-os dos objetivos da pesquisa, bem como salvaguardando quaisquer informações que pudessem, de alguma forma, identificá-los.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS

Na seção 4.1, serão apresentados os resultados da análise dos dados referentes ao perfil dos participantes. Em seguida, na seção 4.2, será discutida a situação de uso de línguas pelos participantes desta pesquisa, além do discurso interior²¹ e língua predileta. Por fim, na seção 4.3, discorrer-se-á sobre o uso de línguas por eles, com enfoque na língua portuguesa, assim como as dificuldades que eles enfrentam no dia a dia para falar português.

4.1. ANÁLISE DO PERFIL DOS PARTICIPANTES

Foram 10 participantes, todos com idade acima de 60 anos e com média de 76 anos. Passou-se mais de meio século desde que imigraram para o Brasil, com permanência média de 62 anos.

²¹ Trata-se de um pensamento expresso em palavras. Consiste na tradução do pensamento em palavras, ou seja, a fala interioriza-se no pensamento (VIGOTSKI, 2001).

Quadro 2: Classificação dos participantes conforme seu perfil

| grupo | código do participante | gênero | idade ²² (anos) | tempo de imigração (anos) | escolaridade / educação (anos) |
|-------|------------------------|--------|-------------------------------|------------------------------|-----------------------------------|
| 1 | A | m | 80 | 61 | 9 (Japão) |
| | B | f | 80 | 57 | 5 (Japão) |
| | C | m | 75 | 57 | 9 (Japão) |
| | D | f | 84 | 57 | 9 (Japão) |
| | E | f | 83 | 63 | 9 (Japão) |
| | H | m | 69 | 57 | 9 (Japão) |
| | J ²³ | f | 91 | 87 | 3 (Brasil) |
| 2 | F | f | 61 | 57 | 11 (Brasil) |
| | G | m | 66 | 56 | 1 (Japão) 5 (Brasil) |
| | I | f | 72 | 63 | 3 (Japão) 4 (Brasil) |

Fonte: autoria própria

²² No momento de março de 2019.

²³ A participante J é a única que imigrou para o Brasil antes da Segunda Guerra Mundial. Como tal, sofreu influência dos costumes da época. Imigrou com cinco anos, estudou a língua japonesa no Brasil e viveu em comunidade rural de *nikkei*. Muitos com quem convivia eram japoneses de outras províncias e, por isso, acostumou-se a conversar em japonês. Como veio para o Brasil com cinco anos e estudou no Brasil, era de se esperar que pertencesse ao segundo grupo de participantes, mas ela está no primeiro grupo. Por isso, apesar de ter vindo muito nova e ter estudado no Brasil, tem dificuldade em conversar em português, restringindo o uso dessa língua aos filhos e evita comunicação com brasileiros em geral.

Conforme o perfil geral dos participantes da pesquisa, pode-se dividi-los em dois grupos: em geral, os participantes do primeiro grupo vieram para o Brasil já adolescentes ou adultos e sua principal preocupação cotidiana é, ou era, trabalhar bastante para proporcionar uma vida melhor para família, filhos ou comunidade. Assim, eles apresentam integração limitada com a sociedade brasileira e sofrem dificuldade com a língua portuguesa para realizar suas atividades com pessoas que apenas falem em português. De modo geral, falam apenas em *uchināguchi* ou quase sempre em *uchināguchi* no dia a dia. Assim, o discurso interior é em *uchināguchi*.

Já os participantes do segundo grupo imigraram ainda novos e puderam estudar em escolas do Brasil. Assim, eles apresentam integração completa com a sociedade brasileira e não enfrentam barreira linguística. Falam português, *uchināguchi* ou mistura dessas línguas no cotidiano. Quanto ao discurso interior, é predominantemente em português. Por isso, não sofrem dificuldades para realizar tarefas na sociedade brasileira.

Conforme visto no capítulo teórico, para ser bilíngue ou não, depende da idade e da situação da aquisição de língua (se o indivíduo aprendeu uma língua na escola ou na família, por exemplo). Quanto a essa questão, Morales (2008) também frisa que a idade e o contexto em que o indivíduo adquire a(s) língua(s) são determinantes na configuração cognitiva (MORALES, 2008, p. 152-3).

4.2. USO DE LÍNGUAS DOS PARTICIPANTES

4.2.1. USO DE LÍNGUAS DOS PARTICIPANTES CONFORME O INTERLOCUTOR

De acordo com a tabela 1, nota-se que aparecem duas regiões de concentração. Uma na parte superior à esquerda, com as relações mais próximas com maior uso de *uchināguchi* e outra na parte inferior à direita, com relações mais distantes com maior uso do português.

Tabela 1: Uso de línguas dos participantes conforme o interlocutor

| Língua | irmãos | amigos | cônjuge | filhos | netos | outros | TOTAL |
|--------------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|-----------|
| U | 2 | 1 | 1 | - | - | - | 4 |
| QU | 5 | 4 | 2 | - | - | - | 11 |
| UJ | - | - | - | 1 | - | - | 1 |
| JU | - | 1 | - | - | - | - | 1 |
| J | - | - | - | 1 | - | - | 1 |
| QJ | - | - | - | 1 | - | - | 1 |
| JP | - | - | - | - | - | - | 0 |
| PJ | - | - | - | - | - | - | 0 |
| P | - | - | 1 | 1 | 4 | 1 | 7 |
| QP | 1 | 2 | 1 | - | - | - | 4 |
| outros | - | 1 | 1 | 3 | - | - | 5 |
| TOTAL | 8 | 9 | 6 | 7 | 4 | 1 | |

Fonte: autoria própria

Notas:

- U representa apenas *uchināguchi*
- QU representa quase sempre *uchināguchi*
- UJ representa *uchināguchi* e japonês com predominância de *uchināguchi*
- JU representa *uchināguchi* e japonês com predominância de japonês
- J representa apenas japonês
- QJ representa quase sempre japonês

- JP representa japonês e português com predominância de japonês
- PJ representa japonês e português com predominância de português
- P representa apenas português
- QP representa quase sempre português
- A coluna outros refere-se a sobrinhos
- A linha outros inclui duas combinações de línguas: a primeira é mistura de português e *uchināguchi*; a segunda é mistura de português, *uchināguchi* e japonês

Quanto à língua usada para se comunicar, o primeiro grupo referido na seção 4.1 geralmente usa exclusivamente (4 casos)²⁴ ou quase sempre (11 casos) *uchināguchi* (cf. n.º total da tabela 1). A língua japonesa é geralmente usada por este grupo de alguma forma, exclusivamente (1 caso) ou quase sempre (1 caso), como estratégia de comunicação para manter conversação com seus interlocutores (japoneses) porque eles não compreendem *uchināguchi*. Abaixo seguem alguns excertos dos participantes do primeiro grupo:

- (1) Japonês misturado com *uchināguchi*, usando mais *uchināguchi* com os filhos. É isso. Ah, este {netos}²⁵ como não entendem {japonês}, então é língua brasileira mesmo.²⁶ (PA²⁷, entrevista, 07/03/2019)

²⁴ Os números entre parênteses indicam os valores que aparecem nas tabelas.

²⁵ Os símbolos { e } indicam as palavras acrescentadas para que o texto fique compreensível.

²⁶ Do original: ウチナーグチより混ぜる。日本語よりウチナーグチは息子たち、それだけ。ああ、これ {孫} は通じないからブラジル語だよ。

²⁷ A letra “P” significa participante e a letra “A” corresponde ao código do participante.

- (2) Com os amigos, é japonês. Com papai e mamãe é a língua de Okinawa. Com os irmãos também é a língua de Okinawa. Com o cônjuge é a língua de Okinawa. Com os filhos é misturado, *uchināguchi* com a língua do Brasil. Com os netos é um pouco da língua do Brasil, mas eu não sei {falar português}.²⁸ (PB, entrevista, 09/05/2019)
- (3) Quanto ao casal, é *uchināguchi*, né. Mas, no caso dos filhos, uso a língua japonesa.²⁹ (PC, entrevista, 07/03/2019)

Os participantes citam que quase sempre falam em *uchināguchi*. No entanto, com pessoas que não falam *uchināguchi*, eles precisam mudar de língua para serem compreendidos (GROSJEAN, 1982). Assim, mesmo sentindo-se receosos em não proferir um discurso em que sejam compreendidos satisfatoriamente, vêm-se obrigados a falar em uma língua (MAHER, 2007) em que não se sentem confortáveis. Conforme afirma Azuma (2000, p. 14-15), nota-se que o uso das línguas depende, também, da atitude com relação à língua além do interlocutor e do contexto.

Com relação ao uso da língua portuguesa, a maioria dos casos refere-se aos participantes do segundo grupo: apenas português (7 casos), quase sempre português (4 casos) e outros (5 casos, que incluem mistura de português e *uchināguchi* e mistura de português, *uchināguchi* e japonês) (conforme nº total da tabela 1). No entanto, para conversar com os netos, como foi relatado pelo participante A (conforme excerto [1]), por exemplo, é usada a língua portuguesa mesmo sendo participante do primeiro grupo. Seguem dois excertos relatando a mistura de línguas:

²⁸ Do original: 友人だったら、日本語。Papai, mamãeと沖縄語。兄弟も沖縄語。友人は日本語。夫婦は沖縄語。息子たちはもうmistura, うちなーぐちとブラジル語。孫たちはブラジル語少しするだけど、わからない

²⁹ Do original: あの、夫婦だったらウチナーグチですかね。でも、子供たちだったら、日本語を使う。

- (4) Marido? Português, japonês e *uchināguchi* misturados. Com a filha? Também tudo misturado.³⁰ (PF, entrevista, 08/03/2019)
- (5) {Quando falo com a família e com os amigos} é misturado né? {Com os irmãos} é português. {Com os amigos} é português. {Com a esposa} é meio a meio, misturado. *Uchināguchi* e português. {Com a filha} é *uchināguchi* e português.³¹ (PG, entrevista, 08/03/2019)

Com relação aos interlocutores, os participantes citaram que se comunicam mais com irmãos (9 casos), amigos (8 casos), filhos (7 casos), cônjuge (6 casos) e netos (4 casos) (cf. tabela 1). Para este último caso destaca-se a distância geracional, que faz com que seja usada apenas a língua portuguesa ou mistura da língua portuguesa com *uchināguchi* (GARCÍA, 2009).

Pode-se notar pela tabela que, para relações mais próximas, como a de irmãos, a tendência é de usar a língua materna e, quando as relações ficam mais distantes, como a de netos e sobrinhos, a tendência é de usar a língua local porque a comunicação em *uchināguchi* torna-se inviável.

4.2.2. USO DE LÍNGUAS CONFORME O CONTEXTO

Conforme afirma Grosjean (1982), nesta pesquisa também se revelou que a escolha da língua a ser usada depende do interlocutor do participante e da preferência ou facilidade do uso de língua de acordo com o contexto. A tabela 2 resume o uso de línguas conforme o contexto.

³⁰ Do original: 夫? 《Misturado português,》 日本語、ウチナーグチ。娘? 《Também tudo misturado.》 [...] {友人とは} 《aí é português.》

³¹ Do original: {家族や友人と話すとき} 《misturado né. {com os irmãos} português. {Com os amigos} português. {Com a esposa} meio a meio, misturado.》 ウチナーグチ 《e português. {Com a filha}》 ウチナーグチ 《e português.》

Tabela 2: Uso de línguas conforme o contexto

| contexto | <i>uchināguchi</i> | japonês | português | outros | TOTAL |
|-------------------|--------------------|----------|-----------|----------|-------|
| em casa | 4 | 1 | 4 | - | 9 |
| na vizinhança | 4 | 2 | 5 | 3 | 14 |
| com okinawanos | 3 | - | 1 | 2 | 6 |
| com japoneses | - | 5 | 1 | - | 6 |
| com não japoneses | - | - | 6 | - | 6 |
| no trabalho | - | 1 | 3 | - | 4 |
| outros | - | - | 4 | - | 4 |
| TOTAL | 11 | 9 | 24 | 5 | |

Fonte: autoria própria

Abaixo seguem alguns excertos:

- (6) Em casa é a língua de Okinawa. Na vizinhança e arredores, no caso de não japoneses, somente “Bom dia. Boa tarde”. É porque não consigo falar mais que isso. Com os vizinhos, em japonês. Quando encontro com brasileiros não falo nada porque não consigo falar. Com pessoas de Okinawa, é a língua de Okinawa.³² (PB, entrevista, 09/05/2019)

³² Do original: 家では沖縄語ね。隣、近所はもう外人だったら、ちょっと「《Bom dia. Boa tarde.》」そのぐらいでしょう。あまり話さきれないんだから。日本語ね、《vizinho》は、こっちブラジル人と会ったら、話さきれないから、何も言わない。沖縄の人だったら、沖縄語。

- (7) Em casa é lógico que é *uchināguchi*, né. Nas redondezas? Como nas redondezas só tem brasileiros, é português.³³ (PC, entrevista, 07/03/2019)
- (8) {Em casa} é a língua de Okinawa, viu! *Uchināguchi*, nas redondezas é *uchināguchi* sempre. {Na associação dos okinawanos} lá também é *uchināguchi*.³⁴ (PE, entrevista, 07/03/2019)
- (9) Nos arredores é português, em geral, em português. Misturo *uchināguchi* e português. Misturo todos, *uchināguchi*, português e japonês.³⁵ (PH, entrevista, 05/05/2019)
- (10) Nos arredores, às vezes, falo japonês, português, tudo varia, depende da pessoa. [...] Aqui por perto, com okinawanos [...] se forem *issei* é *uchināguchi*. E se forem *nisei* (segunda geração)³⁶ é português.³⁷ (PI, entrevista, 06/05/2019)

Os excertos evidenciam que, conforme afirma Azuma (2000, p. 14), o bilinguismo não é uma ocorrência estática como o ponto de chegada (sabendo controlar duas línguas perfeitamente), mas sim uma ocorrência dinâmica, que se adequa às mais variadas condições, tais como nível de formalidade, conhecimento linguístico do interlocutor, intimidade entre os interlocutores e o contexto em que se insere o tópico.

³³ Do original: 家で、ウチナーグチ、もちろんね。近所？近所、(ブラジルンチュバカリ、ポルトガル語) 〈ブラジル人ばかりだから、ポルトガル語〉。

³⁴ Do original: {家で} 沖縄語よ。ウチナーグチ。近所にみんなウチナーグチ。” {沖縄県人会} 向こうでもウチナーグチする。

³⁵ Do original: 近所、ポルトガル語だ、だいたいポルトガル語、《mistura》ウチナーグチとポルトガル語と交わる。{ウチナーグチもポルトガル語も日本語も} 全部混ぜる。

³⁶ Todos os termos em japonês e okinawano foram transcritos para o alfabeto latino de acordo com o sistema Hepburn, inclusive aqueles que possuem forma aportuguesada.

³⁷ Do original: 近所 《às vezes fala》 日本語、《português, tudo varia, depende de pessoa.》 [...] この近くでウチナーンチュ。[...] あの、一世だったら、ウチナーグチ。また、二世だったら、ポルトガル語、《português.》

No primeiro grupo, a língua preferida do participante é *uchināguchi* e como cônjuge, irmãos e amigos falam *uchināguchi*, a língua citada é a mesma. No caso de vizinhança, como os interlocutores geralmente apenas falam português, essa é a única língua que permite a comunicação, mesmo que o participante tenha dificuldade com a língua. Para os participantes do segundo grupo, a escolha da língua é mais flexível, dependendo geralmente do domínio social, conforme relatado pela participante I (cf. excerto [10]).

4.2.3. DISCURSO INTERIOR

Com relação ao discurso interior (VIGOTSKI, 2001), ou seja, as atividades linguísticas para o pensamento não verbalizado, nota-se que existe uma diferença nítida entre os grupos.

Para o primeiro grupo, o discurso interior é em *uchināguchi*, ou seja, na língua materna deles, como verificado nos excertos seguintes:

- (11) É *uchināguchi*.³⁸ (PC, entrevista, 07/03/2019)
- (12) Quanto a isso (discurso interior) é quase sempre *uchināguchi*.³⁹
(PD, entrevista, 07/03/2019)
- (13) É *uchināguchi*, não é mesmo.⁴⁰ (PE, entrevista, 07/03/2019)

Para o segundo grupo, apesar de a língua materna ser *uchināguchi*, como os integrantes deste grupo vieram para o Brasil ainda novos, o discurso interior geralmente muda para o português, como verificado nos excertos abaixo:

- (14) “Português, geralmente.” (PF, entrevista, 08/03/2019)
- (15) “Português.” (PG, entrevista, 08/03/2019)

³⁸ Do original: (ウチナーグチンディ) 〈ウチナーグチで〉。

³⁹ Do original: これはほとんどウチナーグチだ。

⁴⁰ Do original: ウチナーグチだよね。

No caso da participante I, mesmo sendo do segundo grupo, seu discurso interior é predominantemente o da língua materna:

(16) É mais *uchināguchi*. (PI, entrevista, 06/05/2019)

É interessante notar que, no caso da participante I, o fato de conseguir se comunicar sem nenhuma dificuldade na língua portuguesa não foi suficiente para alterar a língua de discurso interior, mantendo a língua materna.

4.2.4. LÍNGUA PREDILETA

Todos os participantes citaram *uchināguchi* como língua predileta. Entretanto, dois participantes (F e G) do segundo grupo citaram outras línguas além de *uchināguchi*.

Seguem alguns excertos das respostas dos participantes que corroboram o afirmado anteriormente:

Para o primeiro grupo:

(17) Língua de Okinawa. Fui criada só em Okinawa. Nem fui para o Japão. Quando estive na escola usava japonês, mas não fui muito para a escola.⁴¹ (PB, entrevista, 09/05/2019)

(18) Qual mais gosto? Por isso mesmo, é a língua de Okinawa, não? Como eu não aprendi português, não consigo falar. Não construí oportunidade por mim mesma quanto a isso.⁴² (PD, entrevista, 07/03/2019)

⁴¹ Do original: 沖縄語。沖縄でしか育ってないもの。日本へ行ったことなかったもん。学校出ているときには日本語を使いよったけどね。私は学校あまり出てない。

⁴² Do original: 一番好き？だから、沖縄語だね。私は {ポルトガル語を} 学んだことがないから、話せない。きっかけは自分で作れなかったね、これは。

- (19) Prefiro *uchināguchi* [...]. Porque é mais fácil falar em *uchināguchi*.⁴³ (PH, entrevista, 05/05/2019)
- (20) Porque sou de Okinawa, afinal de contas. Porque toca mais o coração.⁴⁴ (PJ, entrevista, 08/05/2019)

Percebe-se que os participantes do primeiro grupo preferem a língua *uchināguchi* por conta da facilidade do uso dessa língua, além de possuírem uma forte ligação sentimental com sua terra natal e a língua falada lá, preservando a identidade okinawana.

Para o segundo grupo:

- (21) Gosto? Ah, tanto português quanto *uchināguchi*.⁴⁵ (PF, entrevista, 08/03/2019)
- (22) *Uchināguchi*, japonês e português. Os três. Só que falo pouco {japonês}.⁴⁶ (PG, entrevista, 08/03/2019)

Em segunda entrevista, quando foram questionados por que eles gostam de mais de uma língua, F e G responderam:

- (23) Gosto de *uchināguchi* porque sou *uchinānchu* [pessoas que possuem raízes em Okinawa]. Certo? É minha língua nativa. Gosto de japonês porque dá para conversar com todos, todos entendem. Japoneses, não é? Entendem, falam japonês. E gosto de português porque é minha segunda pátria.⁴⁷ (PF, entrevista, 09/05/2019)

⁴³ Do original: ウチナーグチが一番好き[...]. ウチナーンチュだから、話しやすいじゃん。

⁴⁴ Do original: やっぱし、ウチナーンチュ。もっと心を通じるね。

⁴⁵ Do original: 好き? 《Ah, tanto português quanto》 ウチナーグチ。

⁴⁶ Do original: ウチナーグチ e 日本語 《e português. Os três. Só que falo pouco {japonês}.》

⁴⁷ Do original: 《Gosto de》 ウチナーグチ 《porque sou》 ウチナーンチュ。《Certo? É minha língua nativa. Gosto de》 日本語 《porque dá para conversar com todos, todos entendem.》 日本人ね。《Entendem, falam》 日本語ね。《E gosto de português porque é minha segunda pátria.》

(24) Gosto de *uchināguchi* porque sou *uchinānchu*, porque lido bastante com língua *uchināguchi*, minha língua original. Japonês para todos é o que mais entendem. Língua do Brasil gosto porque a gente está no segundo país, segunda nação e primeiro Japão e depois o Brasil. Eu gosto muito da língua portuguesa.⁴⁸ (PG, entrevista, 09/05/2019)

Nota-se que os participantes F e G gostam de mais de uma língua porque sentem-se à vontade para falar em português e *uchināguchi*. No entanto, como eles citam o Japão como “primeira” nação e *uchināguchi* como língua nativa, aparentemente preferem *uchināguchi*. No caso da língua japonesa, ela serve como uma chave que abre diversas portas na comunidade em que vivem e por isso, dão-lhe grande valor.

4.3. USO DA LÍNGUA PORTUGUESA CONFORME O CONTEXTO E AS DIFICULDADES NO SEU USO

Os participantes do primeiro grupo têm muita dificuldade em conversar em língua portuguesa em todas as situações. Para contornar essa dificuldade, os participantes citaram diversos meios. O mais comum foi valer-se de alguém que conheça a língua japonesa para que traduza a conversa entre o participante e o interlocutor. No caso do participante C, por exemplo, ele pede para que seu interlocutor use palavras mais fáceis de serem entendidas na língua portuguesa com seu interlocutor.

Os participantes do segundo grupo, em geral, não têm dificuldade em conversar em língua portuguesa, porque conseguem se expressar na mesma língua devido a ter estudado aqui no Brasil. Apenas a participante I citou o caso de dificuldade de comunicação em banco por conta dos termos técnicos financeiros.

⁴⁸ Do original: 《Gosto de》 ウチナーグチ 《porque sou》 ウチナーンチュ、《porque lido bastante com língua》 ウチナーグチ、元言葉。日本語 《para todos é o que mais entendem.》 ブラジル語 《gosto porque a gente está no segundo país, segunda nação e primeiro Japão e depois o Brasil. Eu gosto muito da língua portuguesa.》

Seguem abaixo alguns excertos que ilustram o que foi explanado.
Para o primeiro grupo:

- (25) Lugares como hospital e prefeitura é muito difícil {para usar o português}.⁴⁹ (PA, entrevista, 07/03/2019)
- (26) Eu pergunto. “Fale de modo mais fácil, fale isto com mais outra {palavra}”. Por exemplo, naquelas ocasiões se usam palavras difíceis. “Ah, poderia falar mais facilmente?”, por exemplo. [...] “Alguém fala japonês?” Assim, {pedindo por alguém que fale japonês} é que marco consulta no hospital.⁵⁰ (PC, entrevista, 07/03/2019)
- (27) Quanto a isto {falar em português}, como deixo tudo a cargo da minha filha, não faço nada. Porque {hospital, por exemplo} isso, minha filha faz tudo. Porque minha filha traduz tudo. Sozinha... de qualquer maneira, deixo a cargo dela. Nem cuido das questões financeiras.⁵¹ (PD, entrevista, 07/03/2019)
- (28) Aquilo é difícil, não? Como se diz? Caixa ele... {caixa automático}. Aquilo é difícil. Não faço aquilo. É difícil. Fazer compras é fácil porque não precisa falar. [...] É tudo difícil! Por isso, levo o sobrinho. Só sei {português} um pouco. É difícil! Porque falam palavras difíceis.⁵² (PE, entrevista, 07/03/2019)

⁴⁹ Do original: 病院、市役所、(チョウラ) (など) とても難しい。

⁵⁰ Do original: 私聞く、「もっと易しく言って、もっと《outro》これ言ったら」。たとえば、《por exemplo》、あれたち難しいことばを使うでしょう。ああ、「もっと易しく言ったら」、《por exemplo.》 [...] 「誰か日本語話せますか」って、それで {病院を} 予約する。

⁵¹ Do original: これは {ポルトガル語で話すことは}、みんな娘たちするから私したこともないよ。{病院なども} それも、娘みんなやってくれるから。みんな、娘通訳してくれるから。自分で...とにかく、おんぶされる。銀行のこともしない。ここは難しいでしょう、私は一人で出来ないから、いいね？

⁵² Do original: あれは難しいね。何と言うの？《Caixa ele... {caixa automático}》あれは難しい《aquele não faz》難しいよ。買い物は《fácil》話さなくてもいいから。[...] (アルブン) <全部>難しいよ。だから、私《sobrinho》連れていこうから。《Só》ちょこっとしかわからない。難しいよ。難しい言葉言うから。

(29) Para nós *issei* é tudo difícil [...]. As palavras também não foram aprendidas claramente. E ainda sem ter ido à escola, certamente é difícil.⁵³ (PH, entrevista, 05/05/2019)

Para o segundo grupo:

(30) Português? Para falar em português é fácil, é fácil.⁵⁴ (PF, entrevista, 08/03/2019)

(31) Não tenho dificuldade. [...] Tudo fácil. (PG, entrevista, 08/03/2019)

(32) Português é fácil. Porque fiz coisas fora de casa como comércio, trabalhei como feirante, no mercado, então, conheço bem português. [...] Para mim é mais banco. Quando vai no banco, é difícil ir no banco. [...] É porque não está acostumado a ir no banco. Então, é complicado.⁵⁵ (PI, entrevista, 06/05/2019)

Diante do exposto, nota-se que os participantes do primeiro grupo enfrentam muitas dificuldades para conseguirem se comunicar na língua nativa do país onde imigraram.

Quanto aos participantes do segundo grupo, eles vieram para o Brasil ainda muito novos e por isso, tiveram a oportunidade de aprender o português na escola e puderam usar o conhecimento da língua, não só para proveito próprio, mas também para poderem ajudar aqueles da sua comunidade que não conseguem se comunicar em português.

⁵³ Do original: 我々一世には全部難しい [...]。言葉もはっきり覚えてない、ね。学校も出てないとしたら、これは難しいということにしかできない。

⁵⁴ Do original: ポルトガル語? 《Para falar em português é fácil,》 簡単です。

⁵⁵ Do original: 《Português é》 簡単。《Porque》 商売、《feirante》 もやったし、もう 《mercado》 もやったから、もう外野やったから、ポルトガル語をよく知ってる。[...] 《Para mim é mais banco. Quando vai no banco é difícil ir no banco. [...] É porque não está acostumado a ir no banco. Então, é complicado.》

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi investigar a situação sociolinguística de uso das línguas pelos okinawanos de primeira geração que imigraram para o Brasil e que vivem atualmente no distrito da Casa Verde na capital do estado de São Paulo, como descrito na seção introdutória. Para a consecução deste objetivo, duas perguntas nortearam esta pesquisa:

- a) Quais as línguas que os imigrantes de primeira geração de Okinawa usam no dia a dia?
- b) Quais os problemas linguísticos que eles enfrentam?

Na seção 4 sobre análise e discussão dos dados, verificou-se que foi útil dividir os participantes em dois grupos:

1. primeiro grupo cujos participantes apresentam integração limitada com a sociedade brasileira e sofrem dificuldades para se comunicar na língua portuguesa; e
2. segundo grupo cujos participantes apresentam integração completa com a sociedade brasileira e não enfrentam barreiras linguísticas.

Quanto à resposta à primeira pergunta, os participantes do primeiro grupo, que vivem na comunidade okinawana, usam *uchināguchi* com parentes de mesma geração, como irmãos e cônjuge. Assim, o discurso interior também é em *uchināguchi*. Quando o interlocutor não consegue comunicar-se em *uchināguchi*, a língua com que melhor conseguem se comunicar é o japonês. O português é usado caso não seja possível estabelecer comunicação em *uchināguchi* nem em japonês, por exemplo, com netos, sobrinhos, brasileiros em geral. O uso do português é bastante restrito, geralmente, quando precisam ir a hospital ou banco. Os participantes deste grupo, então, mudam de uma língua para outra

de acordo com o contexto e os interlocutores, mais especificamente levando em consideração o conhecimento linguístico de seu interlocutor (GROSJEAN, 1982, 2008).

Já os participantes do segundo grupo, que apresentam integração completa com a sociedade brasileira, usam *uchināguchi* ou português, ou misturam essas duas línguas, de acordo com o conhecimento linguístico de seu interlocutor (*translanguaging* de García [2009]). Dão preferência à língua portuguesa por usarem-na com mais frequência. O uso do japonês restringe-se aos japoneses que não entendem *uchināguchi*. O discurso interior é predominantemente em português. Os participantes deste grupo, então, utilizam as línguas de forma mais flexível a depender dos interlocutores e do contexto (GROSJEAN, 1982, 2008).

Quanto à resposta à segunda pergunta, os participantes do primeiro grupo têm muita dificuldade quando precisam comunicar-se em português. Isso porque eles não tiveram a oportunidade de frequentar a escola no Brasil. Portanto, no cotidiano, suas atividades estão restritas à comunidade okinawana e não fazem uso do português. Interessante o depoimento da participante B de como o não conhecimento da língua portuguesa restringe o que pode fazer:

Ouvi dizer que aqui era melhor para se viver, mas houve várias coisas, em diversas áreas, apesar de tudo isso, ao chegar, fiquei assustada. Era tudo dinheiro. Além disso, senti que era menor que Okinawa. Porque não podia ir para lugar nenhum sem saber falar. Então, alguém disse que o Brasil era extenso, mas para mim parece menor do que Okinawa. Senti que era pequeno porque não posso ir para lugar nenhum. Não consigo ir para lugar algum.⁵⁶ (PB, entrevista, 09/05/2019).

⁵⁶ **Do original:** ここはもっと住みよって聞いたんだけど、何でもたくさんあって、広くもあるから、そんなしてきたんだけど、来てみたら、びっくり。何でもお金。また、沖縄より小さい気持ちだった。どこにも行けないから、言葉わからなくて。で、誰かがブラジルは広いからいいでしょうと言ったけど、私たちには沖縄より小さいみたい。どこへもいけないから、小さいみたいな感じしよったって。どこにも行ききれないんだ。

Quando precisam usar a língua portuguesa fazem uso de parentes para servirem como intérpretes ou pedem ao seu interlocutor para usarem palavras mais fáceis de serem compreendidas na língua portuguesa. Nota-se que eles estão usufruindo, ao máximo, das estratégias de comunicação, quando precisam falar em português.

Os participantes do segundo grupo, por sua vez, não enfrentam dificuldades linguísticas no cotidiano, uma vez que imigraram ainda novos e puderam estudar em escolas do Brasil. Dos três participantes do segundo grupo apenas uma citou dificuldade em língua portuguesa quando precisa resolver questões da área financeira em banco. Acha difícil termos específicos usados pela área e prefere que o marido, que é *nisei*, resolva esse tipo de questão.

Conforme visto neste estudo, os participantes desta pesquisa imigraram para o Brasil e vivem aqui há mais de meio século. No entanto, independentemente da idade que imigraram, todos se declaram na entrevista como sendo *uchinānchu* e não como japoneses nem como *nikkei*. Desse modo, verifica-se que mantêm até hoje forte ligação sentimental com sua terra natal, preservando a identidade okinawana, independentemente do uso que fazem de língua ou do tempo de permanência no Brasil.

Com vistas à completude deste estudo, estamos cientes de que se deve coletar mais dados e analisá-los mais detalhadamente para que se possa elucidar, de forma holística, a situação do uso de línguas pela primeira geração de imigrantes okinawanos no Brasil. Mesmo assim, esperamos que este trabalho possa contribuir, de forma modesta, para o desenvolvimento da área de Sociolinguística, mais especificamente, bilinguismo no qual se envolve a língua de Okinawa, *uchināguchi*.

A partir do que foi pesquisado, diversas outras questões podem ser elencadas. Especialmente em relação ao *uchināguchi*, poderia ser estudado como os descendentes dos imigrantes de Okinawa fazem uso desta língua nas diversas localidades em que se estabeleceu uma comunidade *uchinānchu*.

REFERÊNCIAS

- AZUMA, Shoji. *Bilingualism*. Tōkyō: Kōdansha, 2000.
- BAKER, Colin. *Foundations of Bilingual Education and Bilingualism*. 3. ed., Clevedon: Multilingual Matters, 2001.
- BLOMMAERT, Jan. *Ethnographic fieldwork: a beginner's guide*. London, 2006. Não publicado.
- BLOOMFIELD, Leonard. *Language*. Holt, Rinehart and Winston, 1933.
- BOGDAN Robert. C.; BIKLEN Sari Knopp. *Qualitative research for education: an introduction to theory and methods*. 5. ed., Boston: Pearson Education, 2007.
- FISHMAN, Joshua Aaron. Domains and the relationships between micro- and macrosociolinguistics. In: GUMPERZ, John; HYMES, Dell (ed.). *Directions in sociolinguistics: the ethnography of communication*. New York, NY: Holt, Rinehart, and Winston, 1972. p. 435-453.
- FLICK, Uwe. *Designing Qualitative Research*. Londres: SAGE Publications, 2007.
- MINISTÉRIO DE RELAÇÕES EXTERIORES. *Kasatomaru to shoki imin (Kasatomaru e a imigração inicial)*. Disponível em: https://www.mofa.go.jp/mofaj/annai/honsho/shiryo/j_brazil/03.html. Acesso em 20 jan. 2019.
- GARCÍA, Ofelia. Education, Multilingualism, and Translanguaging in the 21st Century. In: SKUTNABB-KANGAS, T.; PHILLIPSON, R.; MOHANTY, A. K.; PANDA, M. (ed.). *Social Justice through Multilingual Education*. Bristol, UK: Multilingual Matters, p. 140-158, 2009.
- GREEN, Judith Lee; BLOOME, David. Ethnography and ethnographers of and in education: a situated perspective. In: FLOOD, James; HEATH, Shirley; LAPP, Diane (ed.). *Handbook of research on teaching literacy through the communicative and visual arts*. New York, NY: Simon & Schuster Macmillan, 1997. p. 181-202.
- GROSJEAN, François. *Life with two languages: an introduction to bilingualism*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1982.

GROSJEAN, François. Individual Biligualism. In: ASHER, R. E.; SIMPSON, J. M. Y. (ed.). *The Encyclopedia of Language and Linguistics*. Volume 1. Oxford: Pergamon Press, 1994. p. 1656-1660.

GROSJEAN, François. *Studying bilinguals: Methodological and conceptual issues*, *Bilingualism: Language and Cognition* 1, p. 131–49, 1998.

GROSJEAN, François. *Studying Bilinguals*. Oxford, UK: Oxford University Press, 2008.

HAMERS, Josiane F.; BLANC, Michel H. A. *Bilinguality and bilingualism*. Reimpresso. Cambridge: Cambridge University Press, 1992 (1. ed., 1989) (publicado originalmente em francês como *Bilingualité et bilinguisme* pela editora Pierre Mardaga em Bruxelas, 1983).

HAUGEN, Einar. *The Norwegian language in America: a study in bilingual behavior*. University of Pennsylvania Press, 1953.

HEINRICH, Patrick; MIYARA, Shinshō; SHIMOJI, Michinori. *Handbook of the Ryukyuan Languages*. Berlin: Walter de Gruyter, 2015.

ISHIKAWA, Tomonori. Okinawaken niokeru shutsu imin no rekishi oyobi shutsu imin yōinron (History emigration from Okinawa Prefecture and some accounts on emigration motives). *Immigration Studies*. N. 1, p. 11-30, 2005.

JORNAL UTINÁ PRESS. *Em busca da identidade okinawana*. Disponível em: http://www.utinapress.com.br/mio_28.html. Acesso em: 03 abr. 2019.

KERR, George H. *Okinawa – The history of an island people*. Tōkyō: Charles E. Tuttle, 1958.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MAHER, Terezinha Machado. Do casulo ao movimento: a suspensão das certezas na educação bilíngue e intercultural. In: CAVALCANTI, Marilda C.; BORTONI-RICARDO, Stella Maris (org.). *Transculturalidade, linguagem e educação*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007. p.67-94.

MARGOLIS, Maxine L. *Little Brazil: imigrantes brasileiros em Nova York*. Tradução de Araújo, L.; Bugel, T. Campinas, SP: Papirus, 1994.

MORALES, Leiko Matsubara. *Cem anos de imigração japonesa no Brasil: o japonês como língua estrangeira*. 2008. 313 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

MORI, Leticia. *Os descendentes que preservaram no Brasil uma língua que quase não se fala mais no Japão*. São Paulo: BBC Brasil, 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-42775209>. Acesso em: 15 jan. 2019.

MORIMOTO, Toyotomi. Okinawa to ‘kenkeijin’ to no chūtai (Laços entre Okinawa e ‘okinawanos’). In: MORIMOTO, Toyotomi.; NEGAWA, Sachio (org.). *Transnacional na ‘nikkeijin’ no kyōiku, gengo, bunka* (Educação, linguagem e cultura pelos descendentes de japoneses transnacionais). Tōkyō: Akaishi shoten, 2012.

MOSELEY, Christopher (ed.). *Atlas of the World’s Languages in Danger*, 3. ed., Paris: UNESCO Publishing, 2010. Disponível em: <http://www.unesco.org/culture/en/endangeredlanguages/atlas>. Acesso em: 15 jan. 2019.

NAKAMA, Eduardo. Um estudo da situação sociolinguística da primeira geração de imigrantes okinawanos que vivem no distrito da casa verde na cidade de São Paulo. 2019. 116 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Letras-Japonês) – Instituto de Letras. Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

NETO, Otávio Cruz. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; NETO, Otávio Cruz; GOMES, Romeu (org.). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 21. ed., Petrópolis: Editora Vozes, 2002. p. 51-66.

NORTON, Bonny. *Identity and language learning: gender, ethnicity and educational change*. Essex, England: Pearson Education Limited, 2000.

OKINAWA DAI HYAKKA JITEN KANKŌ JIMUKYOKU-HEN (org.). *Okinawa dai hyakka jiten (Grande enciclopédia de Okinawa)*. Naha: Okinawa Times Sha, 1983.

OKINAWA-KEN KŌRYŪ SUISHIN-KA. *Okinawa to imin no rekishi (Okinawa e a história de imigração)*. Disponível em: <https://www.pref.okinawa.jp/toukeika/so/topics/topics457.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2018.

PELLARD, Thomas. The linguistic archeology of the Ryukyu Islands, p. 13-37, *In*: HEINRICH, Patrick; MIYARA, Shinshō; SHIMOJI, Michinori. *Handbook of the Ryukyuan Languages*. Berlin: Walter de Gruyter, 2015.

PIRES, Ricardo Sorgon. *Os outros japoneses: festivais e construção identitária na comunidade okinawana da cidade de São Paulo*. 2016. 326 f. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

SAKAMOTO, Mitsuyo. Bilingualism to bilingual kyōiku: kokusaijin ikusei ni muketa riron to jissen (Bilinguismo e educação bilíngue: teoria e prática para o desenvolvimento das pessoas internacionais). *Miyagi kyōiku daigaku kokusai rikai kyōiku kenkyū center nenpō (Anais do Research Center for Education in International Understanding of Miyagi University of Education)*, v. 5, p. 1-7, 2000.

SAKURAI, Atsushi. *Life story ron* (Teoria sobre a história de vida). Tōkyō: Kōbundō, 2012.

SILVA, Sidney de Souza. *Do estado plurinacional da Bolívia para o Brasil: um estudo da situação sociolinguística de um grupo de imigrantes bolivianos que vivem na região metropolitana de São Paulo*. 2017. 324 f. Faculdade de Letras. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

SOUCHAUD, Sylvain. A confecção: nicho étnico ou nicho econômico para a imigração latino-americana em São Paulo? *In*: BAENINGER, Rosana. (org.). *Imigração boliviana no Brasil*. Campinas: Nepo/Unicamp: Fapesp: CNPq: UNFPA, 2012. p. 75-92.

TŌYAMA, Tadashi. *Imin no seiki*: Okinawa imin no 100nen (*Século da imigração: 100 anos de imigração okinawana*). Disponível em: http://rca.open.ed.jp/city-2001/emigration/world/world_f.html. Acesso em: 14 dez. 2018.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. *A construção do pensamento e da linguagem*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001 (obra original publicada em russo em 1934).



OS AUTORES

Abdelhak Razky é Professor Titular da UnB. Possui Doutorado em Linguística pelo Université de Toulouse Le Mirail, França, Pós doutorado na Univ. de Toulouse Le-Mirail e na Univ. de Paris 13.

Adriana Cristina Cristianini. é docente da Univ. Fed. de Uberlândia., Doutora pela USP e Pós-doutora pela Universidade de São Paulo e pela Universidade de Lisboa.

Clézio Roberto Gonçalves é docente na Universidade Federal de Ouro Preto. Possui doutorado em Linguística pela USP, e pós-doutorado em Língua e Cultura pela UFBA.

Diego Coimbra dos Santos é docente externo pela UFPA e Diretor Acadêmico-Pedagógico no Projeto do Governo do Estado “Forma Pará” pela SECTET. Mestre em Linguística pela UFPA.

Eduardo Nakama é graduado em Engenharia Eletrônica pelo ITA e em Letras-Japonês pela UnB. É servidor público do Ministério da Economia.

Geanne Alves de Abreu Morato é professora de Língua Japonesa e supervisora pedagógica do CIL de Sobradinho. É mestranda em Linguística Aplicada na UnB.

Hélder Gomes Rodrigues é professor de Língua Espanhola e atualmente é diretor do CIL Sobradinho. É mestre em Linguística Aplicada pela UnB.

Irenilde Pereira dos Santos é docente do Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da USP. Livre-Docente em Linguística pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

Josane Moreira De Oliveira é docente da Universidade Estadual de Feira de Santana. É Doutora em Letras Vernáculas pela UFRJ e pós-doutora em Língua e Cultura pela UFBA.

Kazue Saito M. Barros é Professora titular da UFPE, atua na Pós-graduação em Letras e Linguística. É PhD em Language and Linguistics pela University Essex, UK.

Kyoko Sekino é professora do curso de Letras Japonês do Instituto de Letras da UnB. É doutora em Linguística Aplicada pela UFMG, especializando-se no Estudo da Tradução.

Marcus Tanaka de Lira é professor adjunto do curso de Letras-Japonês da UnB. É Doutor em Linguística pela UnB.

Ricardo Rios Barreto Filho é professor adjunto do Departamento de Letras da UFPE, na área de Ensino da Língua Inglesa. Possui doutorado em Linguística pela UFPE.

Selma Sueli Santos Guimarães é professora do Ensino Básico Técnico e Tecnológico da Escola de Educação Básica da UFU. É doutora em Linguística pela USP.

Yuki Mukai é Professor Associado do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET) da UnB. É Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas.



Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

DIÁLOGO LINGUÍSTICO

Ocidente e Oriente

O diálogo pode ser caracterizado como uma atividade humana que tem sua origem na interação humana nos vários grupos sociais que compõem a sociedade. Nesse sentido, é no espaço que, por meio da linguagem, brotam, circulam e se disseminam ideias.

O Diálogo Linguístico: Ocidente e Oriente é um livro que reúne textos escritos por pesquisadores que atuam também no ensino, do fundamental até o nível superior. Os capítulos reunidos são frutos de pesquisas aprofundadas sobre diversos aspectos de nossa língua (ocidente) e da língua japonesa (oriente).

O livro demonstra que as áreas de conhecimentos empíricos e teóricos sobre a linguagem podem se entrelaçar e ampliar os estudos com múltiplos olhares. Os novos consensos surgem, quando as “vozes”, em português e em japonês, orientam e direcionam na busca de novos paradigmas, construindo o saber e o fazer científicos.

A Comissão Organizadora agradece a todos os autores que nos confiaram os seus textos para a publicação.

Agradecemos ao Instituto de Letras e ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução pelo apoio e financiamento dessa obra no ano em que a presença da Língua Japonesa na UnB comemora quarenta anos. São quatro décadas de estudos profícuos sobre a língua japonesa os quais foram iniciados e sempre incentivados pela Profa. Dra. Alice Tamie Joko, posteriormente fundadora do curso de Licenciatura em Letras-Japonês, no ano de 1997.

ISBN 978-65-5846-143-2



9 786558 461432



Obra financiada pelo departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LETJ), do Instituto de Letras, por meio do edital IL/EDU 1º/2021.